

SIRATUS

PERIÓDICO BIMENSAL dos CONQUILIOLOGISTAS do BRASIL
bimonthly JOURNAL of CONQUILIOLOGISTAS do BRASIL

ANO/YEAR 1

MARÇO/ABRIL/1990/MARCH/APRIL

Nº 3



EDITORIAL

No segundo número de *Siratus*, mostramos o artigo de José Carlos do Nascimento, da Universidade Federal de Pernambuco. Sua repercussão foi excelente. *Siratus* mostrou-se um novo veículo na divulgação de trabalhos científicos, atingindo um dos nossos grandes objetivos. Devido a isto, recebemos outros trabalhos que serão publicados futuramente.

Começamos a receber, através de intercâmbio, material da Association Française de Conchyliologie, da The Israel Malacological Society, da Sociêté Belge de Malacologie, da Belgische Veriniging voor Conchyliologie, da Association Conchyliologique de Nouvelle Calédonie e de La Conchiglia.

Recebemos também a adesão dos Drs. R. Tucker Abbott e José Willibaldo Thomé, juntamente com a subscrição de pessoas de vários países, como os Estados Unidos, Canadá, Itália, França, Holanda e Alemanha Ocidental. Também aqui no Brasil, a cada dia, o número de associados aumenta, o que nos deixa eufóricos e envaidecidos com os resultados.

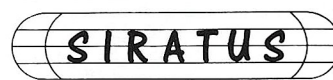
In its last issue, *Siratus* published an article by José Carlos do Nascimento that presented a new Brazilian species of the *Lindapterys* genus. With it, *Siratus* brought into effect one of its main objectives - to encourage a joining of forces of academic and amateur research to the best advantage of malacological studies. Evidences that our editorial proposal has been warmly welcomed is the growing number of articles of both natures *Siratus* has been receiving for future publication.

We have been honored with the immediate proposal for maintaining exchange of our publications from the Association Française de Conchyliologie, The Israel Malacological Society, the Sociêté Belge de Malacologie, the Belgische Veriniging voor Conchyliologie, the Association Conchyliologique de Nouvelle Calédonie, and La Conchiglia. We have also been honored with the prompt affiliation of Drs. R. Tucker Abbott and José Willibaldo Thomé. The patronage of these prominent names of the malacological community, as well as the support from everybody who has been joining us, flatter *Conquiliologistas do Brasil* and *Siratus*.

José Coltro Júnior

Foto da capa: Representantes brasileiros do gênero *Donax* Linnaeus, 1758, por Claudete e Sergio Cominatto; Cover photo: Brazilian species of the genus *Donax* Linnaeus, 1758, by Claudete and Sergio Cominatto.

Donax gemmula Morison, 1971; *Donax hanleyanus* Philippi, 1842; *Donax striatus* Linnaeus, 1767; *Donax denticulatus* Linnaeus, 1758.



PERIÓDICO BIMENSAL DOS CONQUILIOLOGISTAS DO BRASIL
BIMONTHLY JOURNAL OF CONQUILIOLOGISTS OF THE BRAZIL

Siratus é uma publicação bimensal bilingüe dos Conquiliologistas do Brasil, sociedade sediada na Rua Gracindo de Sá, 39 - 01443 - São Paulo - SP - Brasil / Caixa Postal 15.011 - 01599 - São Paulo / telefone (011) 282-7006, para onde pedidos de assinatura, inscrições, cartas e artigos devem ser enviados.

Editor: José Coltro Júnior
Conselho editorial: Julio Colella e Renato Moscatelli
Tradução inglês/português e português/inglês: Vera Cecília Machline
Consultoria de Malacologia: Prof. Eliezer de Carvalho Rios (Fundação Universidade de Rio Grande); e Profª Drª Rosa de Lima Silva Mello (Universidade Federal Rural de Pernambuco)
Secretaria: Antonio Celso Guimarães Prado
Colaborações: seja de qual natureza forem, serão creditadas quando de sua publicação
Fotolito e impressão: Antonio A. Nanô & Filho Ltda., Rua Cunha Gago, 181 - 05421 - São Paulo - SP - Brasil

As opiniões e as idéias expressas nos artigos publicados em *Siratus* são de inteira responsabilidade dos autores. Artigos pertinentes à Malacologia ou à Conquiliologia são bem-vindos, mas *Siratus* reserva-se o direito de não publicá-los se assim achar conveniente. Pedese aos autores que enviem artigos datilografados em português e/ou inglês em linhas de 45 toques, e que incluam uma breve biografia a seu respeito. Fotos e ilustrações devem ser creditadas e legendadas. Citações e bibliografia devem obedecer ao padrão internacional vigente. Os artigos estão sujeitos a uma revisão editorial. Envie cópias, pois nada será devolvido.

Assinatura e inscrição (uma única taxa anual):
Brasil 50 BTN\$
Exterior (via aérea) US\$ 30.00
Exemplar avulso 8,5 BTN\$ / US\$ 5.00
Exemplar atrasado 10 BTN\$ / US\$ 6.00

Siratus is a bimonthly bilingual publication of Conquiliologists of the Brazil, seated at Rua Gracindo de Sá, 39 - 01443 - São Paulo - SP - Brasil / P. O. Box 15.011 - 01599 - São Paulo / telephone number (011) 282-7006, where requests for subscriptions, membership affiliations, letters, and articles may be sent.

Editor: José Coltro Júnior
Editorial board: Julio Colella and Renato Moscatelli
English/Portuguese and Portuguese/English translation: Vera Cecília Machline
Malacology advisory: Prof. Eliezer de Carvalho Rios (Fundação Universidade de Rio Grande); and Dr. Rosa de Lima Silva Mello, Ph. D. (Universidade Federal Rural de Pernambuco).
Secretary: Antonio Celso Guimarães Prado
Collaborations: whatever their nature, they shall be credited upon their publication.
Photolithography and printing: Antonio A. Nanô & Filho Ltda., Rua Cunha Gago, 181 - 05421 - São Paulo - SP - Brasil.

The opinions and ideas in the articles published in *Siratus* are of the authors' responsibility. Articles pertaining either to Malacology or Conchology are most welcome, but *Siratus* secures itself the right of not publishing them if it believes convenient to do so. Authors are requested to send articles typewritten in English and/or Portuguese in 45-typeset lines, and to include a brief biography of themselves. Photos and plates should be credited and legended. Citations and bibliography must conform to standard international practice. Articles are subject to editing. Send copies because no material will be returned.

Subscription and membership affiliation (a single annual rate):
Brazil 50 BTN\$
Abroad (air mail only) US\$ 30.00
Single issue 8.5 BTN\$ / US\$ 5.00
Late issue 10 BTN\$ / US\$ 6.00

COLETANDO: TRINDADE, a ilha perdida

José Coltro Júnior

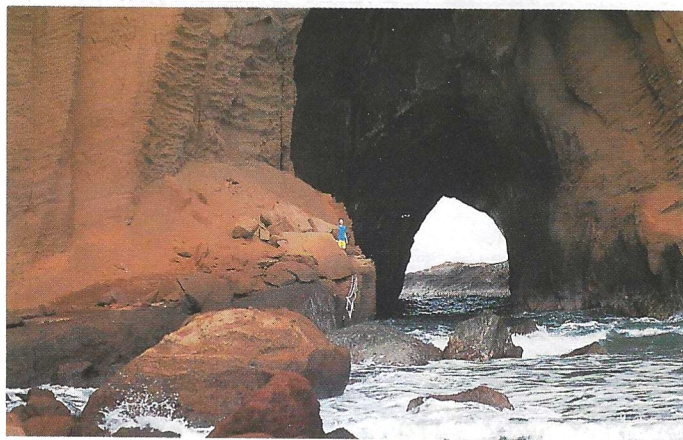
Desde criança, quando eu olhava o mapa do Brasil, um lugar me chamava a atenção de forma incrível: uma pequena ilha, no meio do Oceano Atlântico, de nome Trindade. Minha curiosidade aumentou quando, em 1970, uma revista publicou um artigo sobre as formações geológicas e a estranha fauna e flora daquele lugar esquecido. Passaram-se anos e, novamente, outro artigo recordou meu interesse. Já naquela época, meu irmão Marcus e eu começávamos a colecionar conchas, o que me fez sonhar com coletas naquelas praias desertas.

Finalmente, quase vinte anos após o primeiro sonho, enviei um pedido para a Marinha Brasileira para poder visitar a ilha. A Marinha Brasileira possui lá uma base. Esta é a única ocupação humana. Durante quatro meses, uma guarnição de 40 homens permanece estacionada e a cada dois meses um navio vai abastecer a ilha e trocar metade da tropa. Foi justamente para conseguir um lugar em um dos navios de abastecimento que nós, meu irmão e eu, nos candidatamos.

Esperamos alguns meses e, finalmente, uma resposta afirmativa da Marinha chegou no dia 30 de setembro de 1989. Tínhamos que nos apresentar no 1º Distrito Naval, no Rio de Janeiro, no dia 3 de outubro, para instruções e embarque no dia 4. Fiquei simplesmente eufórico. Meu sonho ia se realizar.

Preparamos todos os equipamentos necessários, inclusive o de mergulho livre. Sabíamos que não poderíamos mergulhar com equipamento autônomo. E mesmo o livre estaria restrito às pequenas lagoas de maré baixa. A ilha é infestada de tubarões.

Chegamos no horário marcado no 1º Distrito, recebemos as instruções e fomos instalados no navio faroleiro Almirante Graça Aranha. Junto conosco havia dois biólogos, um alpinista, um radioamador e uma equipe de televi-



O Túnel
Trindade's Tunnel

SHELLING IN: TRINDADE, Brazil's farthest Eastern frontier

José Coltro Júnior

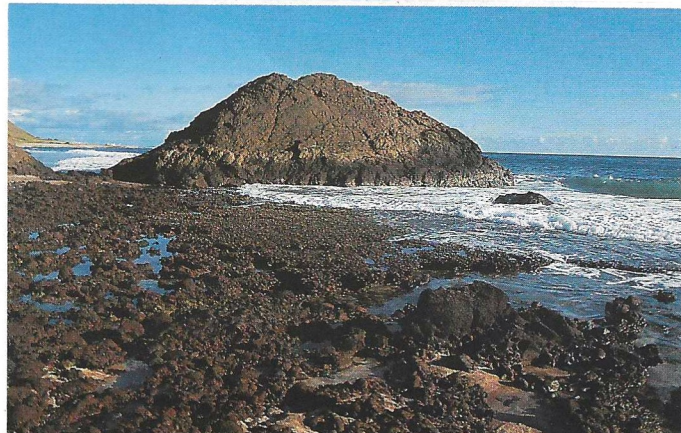
Since I was a child, whenever I wondered over a map of Brazil, there was a place that specially called my attention: a small island in the Atlantic Ocean called Trindade. My curiosity increased when, in 1970, a magazine published an article about the geological formations and the exotic flora and fauna of that faraway island. Many years went by until another magazine article renewed my interest. At that time my brother and I were starting a shell collection. So I dreamt of shelling at Trindade's desert beaches.

At last, almost twenty years after my first fantasies, I sent the Brazilian Navy a request to visit that island. The Brazilian Navy maintains over there a station that concentrates the few human inhabitants of Trindade. For four months, a garrison of 40 men remains stationed there, and every two months a ship provisions the island and changes half of the troop. That is why my brother and I had asked for going in one of the supplying ships.

We waited a few months until an affirmative answer from the Navy finally came on September 30th, 1989. We had to be at the 1st Naval District, in the city of Rio de Janeiro, on October 3rd, to receive instructions and embark the following day. I was euphoric - my dream was to become true.

We prepared all the necessary equipment, including our snorkeling gear. We were aware we could not scuba dive, and that our snorkeling would be restricted to small low tide pools on account of the abounding sharks.

After receiving our instructions, we boarded the lightship Almirante Graça Aranha. Among the civilian passengers, besides us, there were two biologists, a mountaineer, a radio amateur, and a television crew making a documentary. We totalled 11 unskilled civilians among 100 seawise and well-trained



O parcel da Praia das Tartarugas
Low tide shelling at Praia das Tartarugas

são para fazer um documentário. Eramos 11 civis no meio de 100 marinheiros - ou melhor, éramos 11 inexperientes civis no meio de 100 bem treinados marinheiros. Foi divertido.

A viagem começou no Porto do Rio de Janeiro, mais exatamente ao lado da Ilha Fiscal. Ao zarparmos, nossos corações pulavam: estávamos indo de encontro a um sonho.

Ao sair da Baía da Guanabara, o navio recebeu um reforço extremamente valioso para a viagem, um helicóptero da Força Aérea Naval. Recebemos também as primeiras instruções de como agir no navio em diversas ocasiões, e fomos fazer um pequeno *tour* pela embarcação e ser apresentados à tripulação. Seriam três dias de viagem, três dias só de mar.

A nossa recepção por parte do pessoal da Marinha já tinha sido excelente em terra, mas no mar o tratamento por parte da tripulação foi indescritível. A atenção de todos às vezes nos fazia sentir que nos conhecíamos há muitos anos. Nos sentíamos em casa. Do Capitão Bompét ao marujo mais simples tínhamos respostas a qualquer pergunta, normalmente mais do que explicações e, sim, verdadeiras aulas. No primeiro dia, a nossa curiosidade deve ter até atrapalhado o andamento do navio ou atormentado dois dos nossos alvos prediletos: o Tenente Paulo César e o Sargento Meses. Chegamos à conclusão de que seria melhor ficarmos no nosso camarote e não atrapalharmos. O resultado foi que nós praticamente só fizemos duas coisas: comer e dormir. O primeiro era um prazer, a comida do navio era excelente, e o segundo, uma consequência. Diariamente tomávamos remédio contra enjôo, que nos causava um sono...

A vista do navio era meio monótona. Só tinha água por todos os lados. Eventualmente um pássaro, cardumes de peixes-voadores e, o que foi um *show*, uma baleia. Finalmente, no quarto dia, avistamos Trindade. Eram seis horas da manhã, o sol nascendo ao leste projetava uma sombra no horizonte que nos emocionava. As nove horas da manhã estávamos bem próximos da Ponta do Paredão, onde vimos uma das primeiras paisagens alucinantes: o Túnel, um imenso buraco de mais de 50 metros de altura varando o morro de lado a lado.

As manobras para atracarmos começaram. Era agonizante a espera. As águas em volta do navio eram de um azul transparente incrível. Víamos os milhares de peixes chamados "pufas" (um apelido para um balistóide que, na realidade, quer dizer "pu favor me pegue"). Finalmente, o navio terminou as manobras por volta das onze e meia do dia 7 de outubro. Devido ao horário, o Capitão resolveu iniciar o desembarque só após o almoço. Isto pouparia um pouco a comida da base. Quase não consegui almoçar de tão ansioso que estava. A nossa sorte é que fomos colocados na primeira turma a pegar o helicóptero para a ilha. Tínhamos medo de ter de desembarcar através de um processo chamado *cabrita*, que, na verdade, é uma espécie de balsa fixa num cabo ligado do navio à ilha. Não existe um ancoradouro, e o fundeamento ocorre ao largo da ilha.

Após um voo de cinco minutos, estávamos na ilha. O sonho se realizava. Fomos apresentados ao comandante da ilha, instalados e saímos correndo atrás das conchas.

Era difícil coletar. Não havia muitas conchas, mas não era isto que atrapalhava. O que

seamen. It was fun.

Our voyage began at the Port of Rio de Janeiro, more exactly, alongside the historic Ilha Fiscal. As soon as we left the Baía da Guanabara, our ship received an extremely valuable reinforcement for our arrival: a helicopter of the Air Naval Force. Soon afterwards we were further instructed about the proper procedures on different situations and were invited to make a brief reconnoitring tour, occasion when we were introduced to the crew, whose attention to us, by the way, made us feel at home right away. From Captain Bompét to the lowest ranked sailor, everybody was extremely nice to us and answered all our questions. Actually, more than mere explanations, they gave us thorough lectures. I suspect that our intense curiosity on the first day upset the routine on board, even though the favourite targets of our assaillance - Lieutenant Paulo César and Sargent Meses - remained unharmed. We, however, succumbed and retreated to our cabin, where only eating and sleeping remained to be done. Since food on board was excellent, eating was a real pleasure. Sleeping, on the other hand, was a consequence of the medicine against seasickness we took and which proved to be most necessary. And the monotony that soon prevailed for the next three days was eventually interrupted by an occasional bird, schools of flying gurnards, or sea robins, and, what was spectacular, a whale. Finally, on the fourth day, we sighted Trindade. It was six a. m. The rising sun projected a shadow against the horizon that thrilled us. At nine a. m. we were close to Ponta do Paredão (literally, Point of the Big Wall). From there we could observe one of Trindade's attractions: the Tunnel, an immense 50 m (164 ft) high hollow piercing a hill. Anchoring manoeuvres, as well as an exasperating wait, began. The water around our ship was of an incredibly transparent blue. We could see thousands of the famous *Monacanthus hispidus* L. pigfish, which are locally nicknamed pufas. Their fame comes from both their great number and tame manners. As a matter of fact, they are easily handfished without a bait. Around 11:30, manoeuvres were finished. On account of the time, our captain decided to begin disembarkation procedures only after lunch. Moreover, this measure would spare the food at the naval station. I was so excited, I barely touched my lunch. Fortunately, we were included in the first group to land by helicopter. The other landing option - a process called *cabrita*, which consists in a kind of raft attached to a cable linked between the island and the ship - could not be used that day because the sea was too rough. By the way, this system did not attract me at all. Because there is not a dock at Trindade, ships must painstakingly anchor off it.

After a five-minute flight, my dream began to come true. We were introduced to Trindade's commander and, as soon as we were lodged, we darted off in search of local shells.

Shelling, however, was more difficult than I had imagined: shells were not plentiful, and the fascinating views distracted us. Hills formed by millenary lava exhibited a wide range of hues; the sea portrayed an infinite blue; and in the sand volcanic ash, coral, and

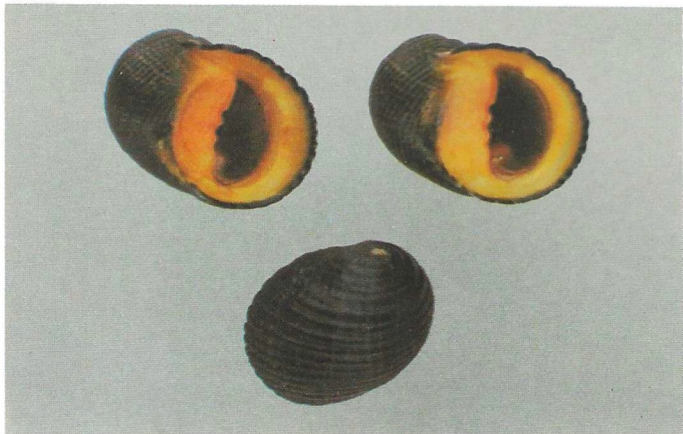


Collisella marcusii (Righi, 1966)

realmente atrapalhava era a fascinante paisagem. Morros formados por lavas milenares, com as mais diversas colorações, o mar de um azul infinito, a areia formada não de grãos, mas de cinza vulcânica, coral e conchas moídas. Tudo era fantástico.

Mas as conchas nos chamavam. *Nerita ascenciones* Gmelin, 1791 e *Planaxis lineatus* (da Costa, 1778) havia aos milhares. Era difícil chegar muito perto do mar. As ondas eram violentas e traçoeiras. Começamos nossa coleta na Praia dos Portugueses, caminhamos até a Praia dos Andradas. Até aí a coleta esteve restrita às duas espécies. Resolvemos atravessar o Morro das Tartarugas para irmos à praia do mesmo nome. A subida foi meio difícil. Carregávamos muitos equipamentos, além de garrafa de água, sacolas e outras tranqueiras. Ao acabarmos o morro, a visão que nos esperava era simplesmente extasiante. A praia era enorme, cheia de buracos de desovas das tartarugas gigantes; ao fundo, o morro do Pão de Açúcar; e, em frente, uma pequena baía protegida por corais. Era um sonho.

A coleta nesta praia se mostrou mais animadora. Além das *Neritas* e *Planaxis*, encontramos *Thais deltoidea* (Lamarck, 1822); magníficas *Mitrella ocellata* (Gmelin, 1791); o raro *Caducifer atlanticus* Coelho, Matthews & Cardoso,



Nerita ascenciones Gmelin, 1791

grinded seashells twinkled. Everything was fantastic!

But the shells won. *Nerita ascenciones* Gmelin, 1791 and *Planaxis lineatus* (da Costa, 1778) were seen by the thousands at the intertidal zone of a rocky stretch of the coast. Although getting near the sea was not easy because surf was violent and treacherous, we did not want to waste our chance of being in Trindade. We began our shelling at the Praia dos Portugueses (literally: Beach of the Portuguese) and proceeded on to the Praia dos Andradas. Until then all we had found was only the two above-mentioned species. Next we crossed the Morro das Tartarugas (Hill of the Turtles), and reached the beach with the same name. Going uphill was hard, not only because the slope was steep, but also on account of the considerable and heavy equipment we were carrying. But our effort was worth it; the panorama at our feet was splendid: right away, an ample beach, with many holes nesting turtle eggs; at the background, the Hill of the Sugar Loaf; and, at the forefront, a cove protected by corals. One felt cozy at such a sight.

At that beach, shelling was much better. Besides *Neritas* and *Planaxis*, we found *Thais deltoidea* (Lamarck, 1822); magnificent *Mitrella ocellata* (Gmelin, 1791); the quite rare *Caducifer atlanticus* Coelho, Matthews & Cardoso, 1970; *Astraea tecta olfersii* (Philippi, 1846); the endemic *Collisella marcusii* (Righi, 1966); *Diodora dysoni* (Reeve, 1850); and *Diodora arcuata* (Sowerby, 1862), besides other species. As it was getting dark, we decided to go back to the station.

On our way back, we encountered the most famous inhabitants of Trindade - the crabs. There are millions of them there. Yellow, orange or reddish, they come out at night to eat whatever they find. As they do not have many natural enemies, and have spread from the intertidal zone up to the Pico Desejado (Desired Peak), which is 600 m (2,000 ft.) high, their number is impressive. Fortunately, they do not attack human beings.

After dinner we were told we would be leaving the following day, right after lunch. I got desperate. I wanted to get to know the entire island, but in such a short time I would not be able to see even 10% of it. That



1. *Caducifer atlanticus* Coelho, Matthews & Cardoso, 1970
2. *Diodora mirifica* Métiévier, 1972
3. *Synaptocochlea picta* (Orbigny, 1842)

1970; *Astraea tecta olfersii* (Philippi, 1966); a endêmica *Collisella marcusii* (Righi, 1966); *Diodora arcuata* (Sowerby, 1862); *Diodora dysoni* (Reeve, 1850), entre outras espécies. Já havia começado a escurecer e resolvemos voltar à base.

No caminho encontramos com os mais famosos habitantes da ilha: os caranguejos. São milhões e milhões. Amarelos, laranjas ou avermelhados, eles saem à noite para comer o que aparecer. Como não possuem muitos inimigos naturais, e sobrevivem desde a faixa da maré até o Pico Desejado, a 600 metros de altitude, a quantidade chega a assustar. A vantagem é que eles não atacam o homem.

Após o jantar fomos informados de que partiríamos no dia seguinte, logo após o almoço. Foi um desespero. Queríamos conhecer a ilha toda, mas com este tempo não conseguiríamos ver nem 10%. Resolvemos fazer uma coleta noturna na Praia dos Portugueses. A coleta se restringiu às conchas jogadas na areia. Tivemos surpresas: *Calliostoma depictum* Dall, 1927, *Janthina janthina* (L., 1758), entre outros.

O dia seguinte começou às cinco da manhã. Corremos em direção do Túnel. Eu queria conhecê-lo de perto. Foi um momento inesquecível. Seu gigantismo, acompanhado das enormes ondas que o atravessavam, causavam fascínio e medo. As paredes a sua volta eram quase forradas de *Nodilittorina vermeijii* Bandei & Kadolsky, 1982. Pena que quase todas corroídas, fato que também acontecia com as *Neritas*. A força da natureza era imensa.

Coletamos tudo que vimos, inclusive exemplares mortos de um terrestre: um *Bulimulus* que não sabemos exatamente o que é.

Mergulhamos na Praia das Tartarugas. Era muito rasa, cerca de um metro apenas. Mas não mergulhamos sós. Tinha milhares de "pufas" nos cercando. Acharmos uma espécie de *Latirus* muito bonita, além de pequenas Arenes. O tempo passava rapidamente e já era hora de voltarmos para a base. Enquanto esperávamos o helicóptero para voltar, coletávamos nas pedras próximas a algumas *Collisellas*. Tínhamos que aproveitar cada minuto.

Finalmente fomos embarcados, e com dor no coração deixamos aquele lugar de paisagens fantásticas.

Mais três dias de mar e chegamos ao ponto de partida: Rio de Janeiro. O sonho tinha se completado. Foram somente vinte e sete horas em Trindade, horas inesquecíveis.



was why I decided with my brother to shell that night at the Praia dos Portugueses. Although shelling had been restricted to what was left on the sand, we found wonderful surprises: *Calliostoma depictum* Dall, 1927 and *Janthina janthina* (L., 1758), besides other molluscs.

The following day started early at 5 a. m. We hurried to the Tunnel, at which I wanted to have a close look. It was an unforgettable moment. Its enormous size and the huge swells cutting across it were both fascinating and scary. The walls around it were almost entirely carpeted by *Nodilittorina vermeijii* Bandei & Kadolsky, 1982. Regrettably, most shells were worn off by the waves. The same was true regarding the *Nerita* shells.

Through out that morning we caught many interesting shells, including some dead *Bulimulus* land snails whose species we do not know. To cool off we snorkeled at the Praia das Tartarugas. It was very shallow, about a meter (3.28 ft.) deep. But we were not alone. Hundreds of pufas swarmed around us. We found a very beautiful *Latirus* species and small Arenes. Time went by fast and very soon we had to go back to the station.

While we waited for the helicopter that would embark us, we still insisted on collecting a few *Collisellas* from nearby rocks. After all, we should take advantage of every minute. At last we were embarked. Heart-broken we left behind us those fantastic views.

Again we faced three days on the open sea before we returned to Rio de Janeiro. My dream had come true and was over. I had been at Trindade for only twenty-seven hours, but they shall be forever unforgettable.

ALGUNS DADOS SOBRE A ILHA DE TRINDADE:

Área: 8,5 km²
Extensão costeira: cerca de 50 km
Distância do Rio de Janeiro, RJ: 1 300 km
Distância de Vitória, ES: 600 milhas náuticas
Localização: 29° 30' S e 29° 49' W
Ponto mais alto: Pico Desejado, com 600 m de altitude
Flora: pobre, restrita a algumas gramíneas, algumas árvores frutíferas introduzidas, uma pequena floresta de samambaias-gigantes e uma espécie de micro-orquídea
Fauna: rica em aves marinhas, que desovam nos morros da ilha; pobre em insetos, dentre os quais destacam-se algumas aranhas e uma barata gigante; os mamíferos foram introduzidos pelo homem, como as cabras que foram soltas por marinheiros ingleses em séculos passados; não existem répteis terrestres nem anfíbios, apenas caranguejos; ainda, a ilha é um importante local de desova da tartaruga *Chelonia mydas*.

SOME FACTS ABOUT TRINDADE:

Area: 8.5 km² (3.28 square miles)
Coastal range: about 50 km (31 miles)
Distance from Rio de Janeiro, RJ: 1,300 km (or 808 miles)
Distance from Vitória, ES: 600 nautical miles
Position: 29° 30' S and 29° 49' W
Highest point: Pico Desejado, 600 m (2,000 ft) high
Flora: poor, restricted to some grass families, a few introduced fruit trees, a small forest of giant ferns, and a micro orchid species
Fauna: rich in sea birds, which nest on hills at the island; poor in insects, among which there are some spiders and a giant cockroach; mammals were introduced by man, as the goats set free by English sailors in past centuries; there are neither reptiles nor amphibians, only crabs; furthermore, Trindade is an important nesting site of the sea turtle *Chelonia mydas*.

ANCILLA MATTHEWSI BURCH & BURCH, 1967



Claudete & Sérgio L. Cominatto

Acima: vistas dorsais; abaixo: vistas ventrais. Ambos os exemplares foram coletados ao largo de Fortaleza, Estado do Ceará. O laranja tem 24 mm de comprimento, e o albino, 26 mm. Os dois pertencem à coleção Claudete & Sérgio L. Cominatto.

Above: dorsal views; below: ventral views. These specimens are from off Fortaleza, Ceará state. The orange-colored specimen is 24 mm (0.94 inches) long, and the albino, 26 mm (1.02 inches). Both belong to Claudete & Sérgio L. Cominatto's collection.

ANCILLA MATTHEWSI BURCH & BURCH, 1967

Descrição: Concha de tamanho médio (23 x 11 mm), fusiforme, brilhante, cor de laranja ou damasco (raramente branca), com 4 1/2 voltas levemente convexas. Espira lisa, alta e acuminada, formando um ângulo apical de 60°. Protoconcha simples, arredondada, com 1 1/4 volta. Sutura inconspícua, recoberta por um verniz calcário. Calo parietal expandindo-se até a volta corporal, mas não recobrimdo a sutura precedente. Ampla abertura piriforme equivalendo a 2/3 do comprimento da concha. Opérculo quitinoso, ovalado e amarelo, com numerosas linhas concêntricas e núcleo terminal. Lábio externo agudo com um pequeno dente na parte basal. Columela escavada e levemente torcida, com 3 ou 4 plicas basais equidistantes. Volta corporal bem desenvolvida equivalente a 5/6 do comprimento da concha e apresentando leves estriações axiais. Banda fasciolar com dois sulcos espirais; o inferior começa no sulco da base e termina na columela; o sulco superior apresenta numerosas crenulações em toda a sua extensão. A presente espécie pode ser comparada a *A. cinnamonea* Lamarck, 1801, que, todavia, não tem sulcos espirais na base.

Description: Medium-sized (23 X 11 mm, or 0.8 X 0.4 inches), fusiform, glossy, orange or apricot-colored (rarely white) shell with 4 1/2 slightly convex whorls. Smooth, high, and acuminate spire forming an apical angle of 60°. Simple and rounded protoconch with 1 1/4 whorls. Unconspicuous suture covered by a calcareous enamel. The parietal callus extends as far as the body whorl but it does not cover the preceding suture. Ample piriform aperture that is equivalent to 2/3 of the shell length. Ovate, yellow, and chitinous operculum with numerous concentric lines and a terminal nucleous. Sharpened external lip with a small tooth in its basal portion. Excavated and slightly twisted columella with 3 or 4 equidistant basal plicae. Body whorl well-developed. It corresponds to 5/6 of the shell length and bears faint axial striae. Fasciolar band with two spiral grooves; the lower begins at the base of the notch and ends at the columella; the upper groove has numerous crenulations throughout. This species may be compared to *A. cinnamonea* Lamarck, 1801, which, however, does not have spiral grooves at its base.

Anatomia: As partes moles, inclusive a rádula, ainda não foram estudadas.

Anatomy: The soft parts, including the radula, have not yet been studied.



Distribuição geográfica: *A. matthewsi* distribui-se entre os Estados do Amapá e Bahia.

Geographical range: *A. matthewsi* occurs between the Brazilian states of Amapá and Bahia.

Habitat: Esta espécie vive sobre fundos de algas calcárias entre 20 e 85 m de profundidade (E. Rios, 1985).

Habitat: This species lives on calcareous algae bottoms at depths ranging from 20 to 85 m, or 66 to 279 ft (E. Rios, 1985).

Sinonímia / Synonymy: ---

Bibliografia / Bibliography:

- ABBOTT, R. T., 1974. *American Seashells. The Marine Mollusca of the Atlantic and Pacific Coasts of North America*. 2nd. ed. New York: Van Nostrand Reinhold.
- BURCH, J. & R. Burch., 1967. A new *Ancilla* from Brazil. *The Nautilus* 80(3): 81-82.
- RIOS, E. C. *Seashells of Brazil*. Rio Grande: Fundação Universidade do Rio Grande, Fundação Cidade do Rio Grande, Museu Oceanográfico.

OLIVELLA DEFIOREI KLAPPENBACH, 1964

Descrição: Concha pequena (14 x 5 mm), alongada, brilhante e delicada, com 7 1/2 voltas. Espira cônica e elevada, formando um ângulo apical de 60°. Protoconcha arredondada. Sutura canaliculada e profunda. Calo columelar conspicuo avançando além da abertura até quase atingir a sutura inferior. Abertura estreita, um pouco maior do que a metade do comprimento da concha. Lábio externo simples, cortante e internamente liso. Columela com 9 a 11 plicas oblíquas, paralelas e eqüidistantes, situadas desde a banda fasciolar até a extremidade anterior; as plicas aumentam de tamanho na mesma direção. Opérculo ausente. Banda fasciolar de cor branca que atinge a metade do lábio interno. Superfície externa de cor creme com pequenos pontos marrom dispostos irregularmente; apresenta ainda uma nítida mancha subsutural marrom. A presente espécie tem alguma afinidade com *O. tehuelcha* (Duclos, 1840), da qual, todavia, se distingue devido à espira mais elevada e à abertura mais estreita. Além disso, *O. tehuelcha* tem apenas 3 plicas columelares.

Description: Small (14 X 5 mm, or 0.55 X 0.19 inches), elongate, glossy, and delicate shell with 7 1/2 whorls. Elevated conical spire forming an apical angle of 60°. Rounded and smooth protoconch. Canaliculate and deep suture. Conspicuous columellar callus that advances beyond the aperture and almost reaches the lower suture. Straight aperture totalling a little more than half of the shell length. Simple and sharp-edged external lip internally smooth. Columella with 9 to 11 equidistant, parallel, and oblique plicae from the fasciolar band up to the anterior margin; the plicae become larger towards the same direction. Absent operculum. White fasciolar band reaching half of the internal lip. Yellowish-white external surface with small, brown, and irregularly arranged spots; it bears a distinct brown subsutural blotch. This species has some affinity with *O. tehuelcha* (Duclos, 1840), but it has a more elevated spire and a narrower aperture. Moreover, *O. tehuelcha* has only 3 columellar plicae.

Anatomia: Rádula com 26 fileiras de dentes. Os dentes raquidianos apresentam 22 cúspides que constituem um par central e uma fileira de cúspides cujo tamanho decresce à medida que progredem em ambas as direções até as extremidades.

Anatomy: Radula with 26 rows of teeth. The rachidian teeth bear 22 cusps setting up a central pair and a row of cusps whose size decreases as they progress in both directions towards the edges.

Distribuição geográfica: *O. defiorei* ocorre desde o sul do Estado do Espírito Santo até o Estado de Santa Catarina (E. Rios, 1985).

Geographical range: *O. defiorei* occurs from the south of the Brazilian state of Espírito Santo to the state of Santa Catarina (E. Rios, 1985).

Habitat: Habita fundos arenosos a profundidades que variam entre 5 e 50 m (*Ibidem*).

Habitat: It inhabits sandy bottoms at depths that vary between 5 and 50 m, or 16 and 160 ft (*Ibidem*).

Sinonímia / Synonymy: ---

Bibliografia / Bibliography:

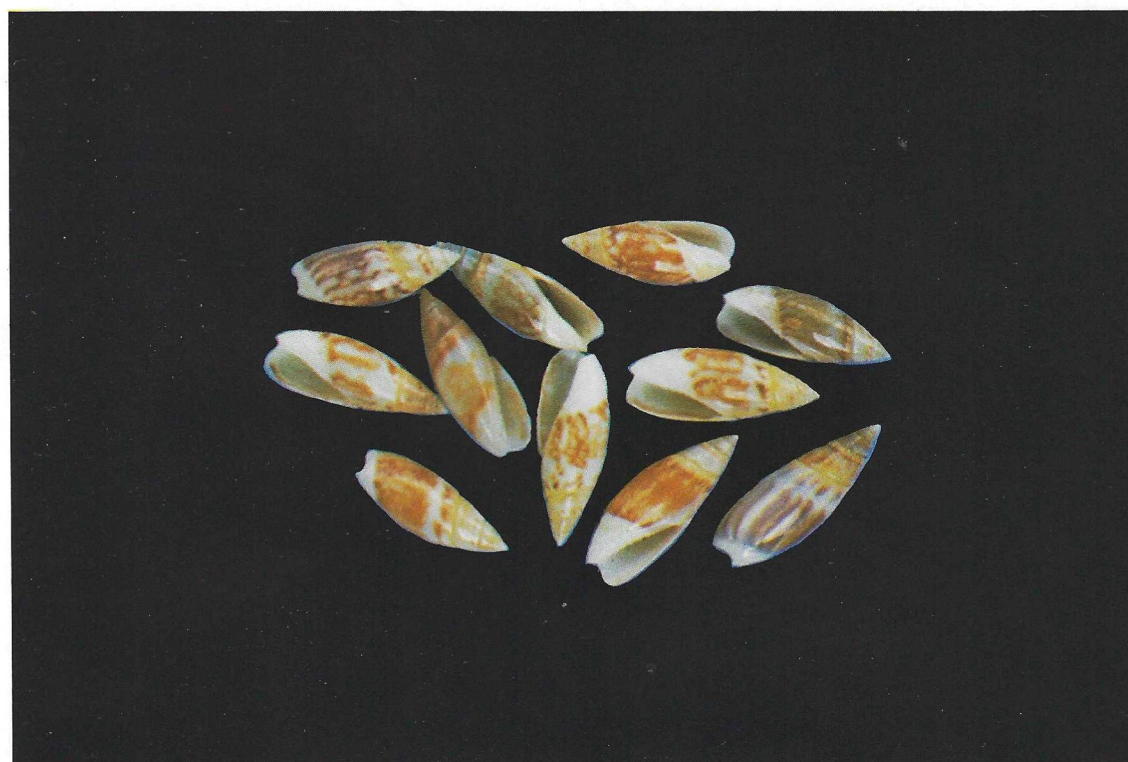
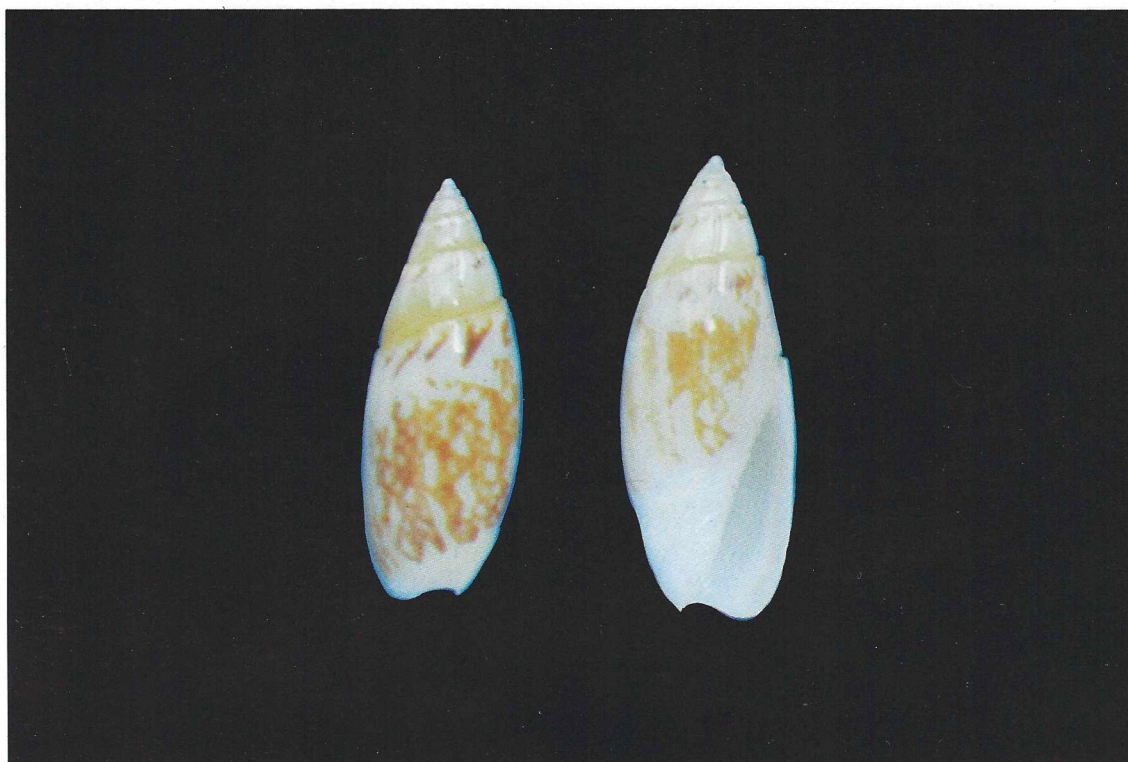
ABBOTT, R. T., 1974. *American Seashells. The Marine Mollusca of the Atlantic and Pacific Coasts of North America*. 2nd ed. New York: Van Nostrand Reinhold.

KLAPPENBACH, M. A., 1964. Nueva *Olivella* de la costa brasileña del Estado de San Pablo. *Com. Zool. Mus. H. Nat. Montev.* 8(101): 1-5.

RIOS, E. C. *Seashells of Brazil*. Rio Grande: Fundação Universidade do Rio Grande, Fundação Cidade do Rio Grande, Museu Oceanográfico.



OLIVELLA DEFIOREI KLAPPENBACH, 1964



Claudete & Sérgio L. Cominato

Acima: vistas dorsal e ventral; *abaixo:* variações de padronagem. Todos os exemplares são provenientes da região de Guarapari, Estado do Espírito Santo. Os comprimentos variam entre 10 e 13 mm. Estes exemplares pertencem à coleção Marcus & José Coltro.

Above: dorsal and ventral views; below: design pattern variations. These specimens are from Guarapari, Espírito Santo state, and nearabouts. Their length vary between 10 and 13 mm (0.39 and 0.51 inches). They belong to Marcus & José Coltro's collection.

FOTOGRAFIA DE CONCHAS

Silvio F. Bonadia

2- Os controles fundamentais da câmera

A excelência de uma foto resulta da conjugação adequada, por parte do fotógrafo, dos controles fundamentais da câmera, que, essencialmente, são o tempo (ou velocidade) de exposição e a abertura do diafragma.

O tempo (ou velocidade) de exposição corresponde ao intervalo de tempo no qual o filme será exposto. Este tempo é controlado pelo obturador, um mecanismo temporizador que aciona uma cortina de metal ou tecido preto especial que protege o filme da luz entrando pela lente. O obturador é comandado pelo anel seletor de velocidades, que traz números impressos, em geral, na seguinte sequência: B. 1 2 4 8 15 30 60 125 250 500 1000. Na realidade, esses números representam frações de segundos, ou seja: $1=1/1s$; $2=1/2s$; $4=1/4s$... $1000=1/1000s$. Portanto, cada número significa (em quantidade de tempo) o dobro do posterior e a metade do anterior. Por exemplo, regulando-se o anel seletor para 60, o filme será exposto durante $1/60s$; mudando-se a regulação para 125, o filme passará a ser exposto a $1/125s$, que é a metade de $1/60s$; mudando-se para 30, o filme estará exposto a $1/30s$, que é o dobro de $1/60s$.

O diafragma é um dispositivo no interior da lente constituído por lâminas metálicas formando um orifício poligonal que aumenta ou diminui de tamanho conforme a necessidade ou a opção do fotógrafo. Portanto, ele regula a quantidade de luz passando através da lente. As aberturas do diafragma, ou números f (como são mais conhecidas), encontram-se impressas no anel de controle do diafragma. Geralmente estão dispostas na sequência 1.4 2.0 2.8 4.0 5.6 8.0 11.0 16.0. Assim como os tempos de exposição, cada número f vale (em quantidade de luz) o dobro do posterior e a metade do anterior. Por exemplo, regulando-se o anel do diafragma em $f: 5.6$, o filme receberá uma quantidade de luz L ; mudando-se a regulação para $f: 8.0$, o filme passará a receber apenas $L/2$ de luz; mudando-se para $f: 4.0$, o filme estará recebendo uma quantidade $2L$ de luz. Distintamente dos intervalos entre os tempos de exposição, as relações matemáticas das aberturas do diafragma não são nada óbvias. Elas resultam de cálculos óticos complexos demais para o âmbito deste curso. Em termos práticos, é suficiente saber-se que $f: 8.0$ é a metade de $f: 5.6$, que, por sua vez, é a metade de $f: 4.0$ e assim por diante.

O uso conjugado com o fotômetro

Em geral, os fotômetros embutidos nas câmeras trabalham conjugadamente com os controles de velocidade da exposição e de abertura do diafragma. Este conjunto completa-se com um sistema de verificação observável no visor que permite ao fotógrafo saber a velocidade e/ou a abertura que está sendo usada ou que deveria ser usada. Como este sistema é bastante variado, convém que você leia o manual de sua câmera para que use-o corretamente.

Em termos práticos, fixando-se uma das variáveis (velocidade ou abertura), o fotômetro indicará no visor a outra. Ou seja, o fotógrafo fornece um dos dois parâmetros, e o fotômetro "calcula" o segundo em função do primei-

SHELL PHOTOGRAPHY

Silvio F. Bonadia

2- The fundamental controls of the camera

The excellence of a photograph results from the photographer's adequate combination of the fundamental controls of the camera, which are basically the shutter speed and the aperture.

The shutter speed corresponds to the time of exposure of the film. This time is controlled by the shutter, a timer that activates a metal curtain or a special black material protecting the film from the light coming in through the lens. The shutter is regulated by the shutter speed ring, which bears numbers, usually in the following sequence: B. 1 2 4 8 15 30 60 125 250 500 1000. Actually, these numbers represent fractions of seconds, that is to say: $1=1/1s$; $2=1/2s$; $4=1/4s$; $8=1/8s$... $1000=1/1000s$. Thus, each number means (in terms of amount of time) twice the subsequent value and half of the preceding one. For example, if you set the shutter speed ring to 60, the film will be exposed for $1/60s$; if you set it to 125, the film will be exposed for $1/125s$, which is half of $1/60s$; if you set it to 30, the film will be exposed to $1/30s$, which is the double of $1/60s$.

The aperture is a device inside the lens constituted of metallic sheaths shaping a polygonal opening that becomes wider or narrower according to whatever is necessary or the photographer wishes. Thus, it sets the amount of light that will be passing through the lens. The apertures, or f numbers (as they are more often called), are printed in the aperture ring. They usually come in the sequence 1.4 2.0 2.8 4.0 5.6 8.0 11.0 16.0. As well as the time of exposure, each f number is (in terms of amount of light) twice the subsequent value and half of the preceding one. For example, if the photographer sets the shutter speed ring to $f: 5.6$, the film will be exposed to a, say, L amount of light; if he sets it to $f: 8.0$, the film will be exposed to only $L/2$ of light; if he sets it to $f: 4.0$, the film will be exposed to $2L$ of light. Differently from the in-between times of exposure, the mathematical relations between the apertures are not obvious at all. They result from optical figures too complex to be dealt with here. In practical terms, all you have to be aware of is that $f: 8.0$ is half of $f: 5.6$, which, in turn, is half of $f: 4.0$, and so on.

Using the photometer

Most photometers inside cameras function together with the shutter speed and aperture controls. This arrangement is usually completed by a checking system in the view finder that allows the photographer to know the shutter speed and/or the aperture that is being used or that should be used. Because this system varies quite a lot from one camera to the other, it is advisable that you read the manual of your camera so that you may use it properly.

In practical terms, once one of the two variables (shutter speed or aperture) is set, the photometer will indicate the other one in the view finder. That is to say, the photographer provides either one or the other variable, and the photometer "calculates" the sec-

ro, de acordo com as condições de luminosidade no momento da realização da foto. Portanto, após fixar uma velocidade, você deve girar o anel da abertura do diafragma até que a indicação fotométrica confirme a abertura necessária para uma exposição perfeita. Ou, ao contrário, após fixar uma abertura do diafragma, você deve girar o anel seletor de velocidades do obturador até que a indicação fotométrica confirme a velocidade de exposição correta.

Afora o domínio perfeito destes controles, convém ainda:

- não esquecer de regular a sensibilidade do filme utilizado já que você, deixando de fazê-lo, estará mantendo o fotômetro desregulado;
- focalizar com paciência e precisão uma vez que o desfoque ficará óbvio numa ampliação;
- usar tripê e velocidades mais longas de vez que estas últimas, também chamadas velocidades baixas, permitem a adoção de um diafragma bem fechado, ou seja, pequenas aberturas de diafragma, o que, por sua vez, irá aumentar a definição da imagem e, por conseguinte, a qualidade da sua foto.

and in relation to the first, according to the conditions of light at the moment the photo is being shot. Thus, after setting your camera at a certain shutter speed value, you may turn the aperture ring until the photometric indicator confirms the aperture good for a perfect exposure. Conversely, after setting your camera at a certain aperture, you may turn the shutter speed ring until the photometric indicator confirms the correct shutter speed.

Besides a perfect command of these controls, it is advisable that you as well:

- do not forget to set the sensibility of the film because, should you forget to do so, the photometer of your camera will not be well-adjusted;
- patiently and precisely focus your lens, otherwise your carelessness will turn out obvious in a blowup;
- use a tripod and lower shutter speed values because the latter allows an almost shut aperture, and this, in turn, will improve the definition of your images, or, in other words, the quality of your photos.

Shells • Coral • Jewelry • Gifts



THE SHELL STORE
440 - 75th Avenue
St. Petersburg Beach, FL 33706
Between Blind Pass Road
and Gulf Boulevard
Phone 360-0586

ROBERT LIPE
BETTY LIPE



LEONARD C. HILL
10501 S.W. 102 Avenue
Miami, Florida 33176
(305) 271-0650

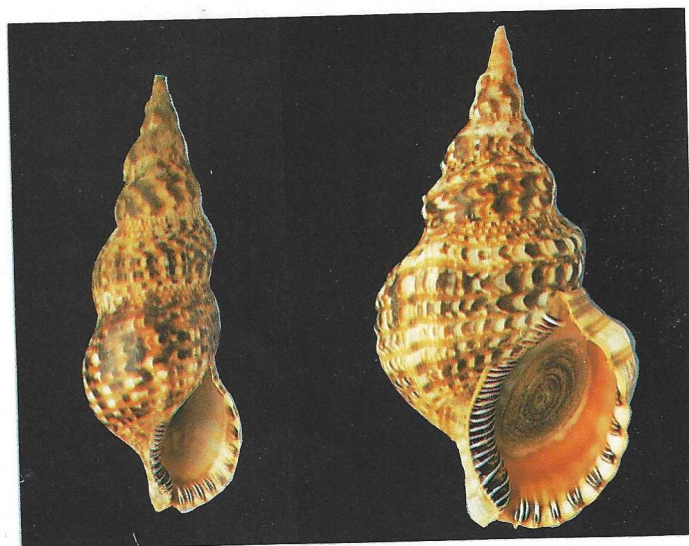
QUALITY WORLD WIDE SHELLS
FREE LISTS! Florida-Caribbean Specialists
BUY - SELL - EXCHANGE

The best in Cones, Murex, Miters, Olives & Cypraea

CONCHAVO

A Conquiliologia é um passatempo maravilhoso. Proporciona-nos divertimento, contato íntimo com a natureza e boas amizades em todo o mundo. Torna-nos metódicos e organizados. Permite que nos aventuremos na ciência. E traz-nos alegrias e surpresas a cada novo exemplar em nossa coleção. Como a *Charonia tritonis variegata* (Lamarck, 1816) que recebi recentemente do amigo Flaviano Lima, de Salvador, Estado da Bahia. Este exemplar foi coletado por pescadores em outubro de 1989, na Ponta do Humaitã, em Salvador, sobre fundo rochoso, à profundidade aproximada de 8 metros. As medidas desta variedade *terebriformis* são bastante incomuns - 260 mm x 93 mm. (Já o espécime retratando a forma usual desta espécie tem 315 mm x 161 mm, e provém de Fortaleza, Estado do Ceará.)

Conchology is a wonderful hobby. It provides us with fun times, familiarity with nature, and good friends throughout the world. It teaches us to be tidy and organized. It allows us to venture on science. And it yields happiness and surprise everytime a new specimen is added to our collection. As the Charonia tritonis variegata (Lamarck, 1816) I have recently received from my friend Flaviano Lima, from Salvador, in the state of Bahia. This specimen was shelled by fishermen in October 1989 at the Ponta do Humaitã, in Salvador, from a rocky bottom at a depth of about 8 m (26 ft). The measurements of this unique terebriformis variety are, indeed, most uncommon - 260 mm X 93 mm (10.24 in X 3.61 in). (The specimen depicting the usual form of this species is 315 mm X 161 mm, or 12.40 in X 6.38 in, and was shelled in Fortaleza, Ceará state.)



C. & S. Cominato

Dr. José Carlos Tarasconi
R. Duque de Caxi, 67 - Apto. 504
90010 Porto Alegre RS
BRASIL

COLECIONADORES

Adolpho Birman, 56 anos, nasceu em Niterói, RJ, onde viveu até mudar-se para São Paulo, SP, quando casou-se com Esther, com quem tem um filho e uma filha. Clínico geral, divide seu tempo livre entre a literatura e a malacologia. Na primeira, suas preferências são a ficção e o escritor argentino Jorge Luis Borges; na segunda, fascina-o descobrir na lupa a beleza das microconchas. Em Encontros Brasileiros de Malacologia, realizados pela Sociedade Brasileira de Malacologia, apresentou, sozinho ou em co-autoria, os seguintes trabalhos: "Micromoluscos de profundidade do litoral brasileiro" (1983); "Primeira ocorrência de Vesicomidae Dall & Simpson, 1901 (Mollusca - Bivalvia), no litoral brasileiro" (1985); "Ocorrência e crescimento de moluscos em sacos de degradação contendo folhas de mangue, no ambiente estuarino-lagunar de Cananéia (SP)" (1985); e "Nucinella serrei Lamy, 1912 (Mollusca - Bivalvia), na costa brasileira" (1985). Em 1987 organizou uma mesa demonstrativa de microconchas marinhas. Ainda, quando do 15º Congresso Brasileiro de Zoologia, em fevereiro de 1988, participou com outros estudiosos da pesquisa "Comunidade Bentônica do complexo lagunar Mundaú/Manguaba (AL): resultados preliminares", que foi publicado em *Faunística* 1. Eis a entrevista que ele concedeu a *Siratus*:

S. - Quando e por que começou a colecionar conchas?

A. B. - Há mais ou menos 25 anos atrás, participei de um leilão beneficente que oferecia, entre outros objetos, umas caixas retangulares de acrílico contendo conchas de diversos gêneros de moluscos. Suas formas bizarras e multicoloridas despertaram imediatamente minha curiosidade e desencadearam um profundo desejo de conhecer melhor tais prodígios da natureza. Comecei a procurar livros sobre a matéria e, quanto mais aprendia, mais meu fascínio aumentava. Mais tarde vieram as coletas em nossa costa, a aquisição de livros especializados, a descoberta de outros colecionadores e o conseqüente intercâmbio de conchas e idéias. Tudo isso culminou com a organização de uma coleção que, desde então, me oferece lazer e prazer.

S. - Quais são as famílias de moluscos de que mais gosta?

A. B. - As famílias Pyramidellidae e Turridae sempre fizeram meu coração bater mais forte; porém, não poderia deixar de citar Trochidae e Marginellidae, que, com as primeiras, dividem minhas preferências.

S. - Como organiza sua coleção?

A. B. - Minha coleção passou por diversas fases de organização. Comecei, como muitos, com caixas de papelão para camisetas; depois providenciei uma estante de livros cuja parte inferior foi reservada para gavetas. As conchas maiores ficavam em prateleiras em outro canto da casa.

A coleção de microconchas foi a que mais evoluiu. Inicialmente guardava estas conchas em tubos anestésicos usados em odontologia, após o que passei a empregar caixinhas plásti-

COLLECTORS

Adolpho Birman, 56 years old, was born in Niterói, RJ, where he lived until he moved to São Paulo, SP, when he married Esther, with whom he has a son and a daughter. A general practitioner, he divides his spare time between literature and malacology. In the first, his preferences are fiction and the Argentinian writer Jorge Luis Borges; in the second, he is fascinated by the opportunity of finding through the magnifying glass the beauty microshells hide from human sight. At Encontros Brasileiros de Malacologia (Brazilian Meetings on Malacology) held by the Sociedade Brasileira de Malacologia, he presented on his own or with other researchers the following studies (whose titles were translated into English for your better understanding): "Deep-water micromolluscs from the Brazilian seacoast" (1983); "First occurrence of Vesicomidae Dall & Simpson, 1901 (Mollusca - Bivalvia), at the Brazilian seacoast" (1985); "Occurrence and growth of molluscs inside degradation sacs with mangrove leaves at the estuarine and lagune environment in Cananéia (SP)" (1985); and "Nucinella serrei Lamy, 1912 (Mollusca - Bivalvia), at the Brazilian seacoast" (1985). In 1987, he organized a demonstrative lecture on marine microshells. Moreover, during the 15th Brazilian Congress of Zoology, held in February 1988, he was one of the co-authors of the study "Benthonic community of the lagune complex at Mundaú / Manguaba (AL): preliminary results", which was published in *Faunística* 1. *Siratus* interviewed him:

S. - When and why did you begin to collect shells?

A. B. - More or less 25 years ago, I participated in a charity auction that, among other prizes, offered some rectangular acrylic boxes with assorted mollusc shells. Their bizarre and multicolored shapes made me curious at once and awakened a deep desire to know better these natural wonders. I began to look for books on the subject, and the more I read, the more my fascination increased. Later on there came a more active phase, with shell collecting on Brazil's seacoast, acquiring specialized books, getting to know other collectors, and exchanging shells and ideas. All of this resulted in an organized shell collection that has given me leisure and pleasure ever since.

S. - Which are the mollusc families you like most?

A. B. - The families Pyramidellidae and Turridae always make my heart beat faster, but I should also mention Trochidae and Marginellidae, which share with the other two my preferences.

S. - How do you organize your collection?

A. B. - My collection has gone through several phases of organization. Like many collectors, at first I used shirt cardboard boxes; afterwards I made a bookcase whose lower part was conceived for a shell cabinet with drawers. Bigger shells were kept on shelves at another place at home.

My microshell collection is the one that developed the most. Initially I kept these

cas (4 X 3 cm) que, por sua vez, eram guardadas em caixas de papelão maiores. Mais tarde descobri as caixas de acrílico com tampas transparentes e 12 divisões internas. Mas elas têm seus inconvenientes: são leves em demasia; graças a um fenômeno eletrostático, as suas tampas costumam atrair tanto as conchas como as etiquetas (que são muito pequenas); e as conchas freqüentemente rolam para baixo do papel de feltro forrando cada divisão.

Atualmente, estou fazendo uma nova modificação com o intuito de destacar individualmente cada espécie, separar um exemplar de cada espécie da coleção global e facilitar sua exibição. Para isto estou usando estojos de madeira (18 X 11 cm) com 24 divisões de 3 X 2,5 cm. Em cada divisão, guardarei apenas um exemplar por espécie, de acordo com a ordem filogenética, e, por fora, usarei uma etiqueta indicando o conteúdo. As demais conchas permanecerão em caixas plásticas, como se pertencessem a um estoque.

S. - Qual foi sua aquisição mais árdua?

A. B. - Foi a compra de uma *Cypraea surinamensis* em Fortaleza. Era um exemplar grande (3,2 cm), e o pescador pedia um preço exorbitante. Tive que pechinchar durante uma manhã inteira até acertarmos um preço razoável.

S. Quais as cinco espécies de que mais gosta na sua coleção?

A. B. - Quem coleciona há muito tempo e "curte" sua coleção afeiçoa-se a quase todos seus exemplares. Mas deterho-me por alguns momentos a mais quando observo e admiro *Solariella lubrica* Dall, 1881, *Cochlespira radiata* (Dall, 1889), *Pseudomalaxis centrifuga* Monterosato, 1890, *Niso aeglees* Bush, 1885, e *Miralba havanensis* (Pilsbry & Aguayo, 1933).

S. Cite cinco espécies que gostaria de acrescentar à sua coleção.

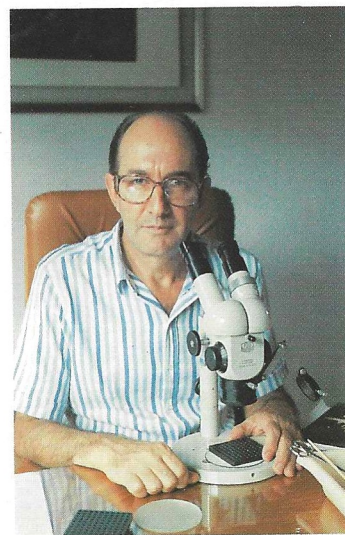
A. B. - Na verdade, são mais do que cinco, mas destacam-se entre estas *Pleurotomaria notialis* (Leme & Penna, 1969), *Rimula frenulata* Dall, 1889, *Puncturella pauper* Dall, 1927, *Gaza watsoni* (Dall, 1881), e *Calliostoma bairdi rosewateri* Clench & Turner, 1960.

S. - Qual o lugar do mundo onde sonha coletar?

A. B. - Sem hesitação, posso afirmar: a Ilha de Trindade.

S. - Se um dia desistisse de sua coleção, o que faria com ela?

A. B. - Racionalmente não visualizo este dia. O que certamente acontecerá, cedo ou tarde, será a oportunidade de que ela enriqueça a coleção de alguma entidade oficial, como, por exemplo, a do Museu de Zoologia da U. S. P. Até este dia chegar, almejo tirar o máximo de satisfação deste mundo encantado das microconchas.



Alberto Baumstein

shells in odontologic anesthesia tubes. Afterwards I used small plastic boxes (4 X 3 cm), which, in turn, were kept in larger cardboard boxes. Later on I discovered acrylic boxes with transparent tops and 12 internal divisions. But they have some inconveniences: they are too light; on account of an electrostatic phenomenon, their tops attract both the shells and their tags (which are very small); and the shells often roll under the felt paper lining each division.

Presently I am making a new change having in mind the possibilities of standing out each individual species, separating one specimen of each species from my larger collection, and easing their display. I am using wooden cases (18 X 11 cm) with 24 divisions of 3 X 2.5 cm. In each division I intend to have only one specimen of each species according to the phylogenetic order, and, on the outer side, I will put a tag indicating its content. The remaining shells of my collection will continue stored in plastic boxes.

S. - Which was your hardest acquisition?

A. B. - Buying a *Cypraea surinamensis* in Fortaleza, in the state of Ceará. It was a large specimen (1.3 inches), and the fisherman was selling it for a very high price. I had to bargain almost an entire morning until we settled at a reasonable price.

S. - Which are the five favourite species in your collection?

A. B. - Everybody who has had a collection for some time and takes pleasure in it develops a fondness for almost all his or her shells. But I take my time to observe and admire *Solariella lubrica* Dall, 1881, *Cochlespira radiata* (Dall, 1889), *Pseudomalaxis centrifuga* Monterosato, 1890, *Niso aeglees* Bush, 1885, and *Miralba havanensis* (Pilsbry & Aguayo, 1933).

S. - Name five species you would like to add to your collection.

A. B. - Actually, there are more than five I could name. Among those, I would like to have especially *Pleurotomaria notialis* (Leme & Penna, 1969), *Rimula frenulata* Dall, 1889, *Puncturella pauper* Dall, 1927, *Gaza watsoni* (Dall, 1881), and *Calliostoma bairdi rosewateri* Clench & Turner, 1960.



TED KALAFUT'S
CARIBBEAN SPECIMEN SHELLS

11630 Indian Rocks Rd, #102
Largo, Florida 34644

Ken
(813) 595-7471

Ted
(813) 593-1259

WORLDWIDE SPECIMEN SHELLS
 Your ONE STOP Marine & Land Shell Connection
 Wide Variety of Select Quality Specimens -
 "Knowledgeable & Courteous Service"
 Write for Free Illustrated List
 Richard Goldberg/Worldwide Specimen Shells
 P.O. Box 137, Fresh Meadows, N.Y., 11365, U.S.A.
 (718) 357-6467




PHILLIP W. CLOVER tel 707-996-6960
 P.O. BOX 736
 KENWOOD CA. 95452
 DEALER IN WORLD WIDE
 SPECIMEN SEASHELLS, SPECIALIZING IN
 RARE CYPRAEA, CONUS, VOLUTA AND
 MUREX. ALSO CURRENT AND OUT OF PRINT
 SHELL BOOKS. FREE PRICE LISTS ON
 REQUEST. MAIL ORDERS SINCE 1960



— for quality and service —
THOMAS HONKER
 SPECIMEN SHELLS
 615 Wiggin Road, P.O. Box 1011
 Delray Beach, Florida 33447-1011
 Off: (407) 276-9658 Res: (407) 265-2915
 Worldwide rarities in Cones, Cowries, Volutes, Murex,
 Miters—now over 3000 species in stock—Marine/Land
 Write for FREE LIST HMS-ISGS BUY/SELL/TRADE

S. - What place in the world do you dream of shelling?

A. B. - Without any doubt, the Island of Trinidad, 600 nautical miles off Brazil's coast.

S. - If you gave up your collection one day, what would you do with it?

A. B. - Rationally, I do not envisage such a day. Sooner or later, however, my collection will surely enrich another one belonging to an official organization, such as, for instance, the one maintained by the Museu de Zoologia, of the Universidade de São Paulo. Until then, I intend to enjoy as much as possible the enchanting realm of microshells.♦

MAL DE MER ENTERPRISES
 PO BOX 482 WEST HEMPSTEAD, NY 11552 USA
 Finest Quality Worldwide Specimen Shells
 Large selection of Shell Books For Sale



A Collector's Guide to Seashells of World	was \$26.95	\$16.00
Atlas of Living Olive Shells of the World	was \$68.50	\$45.00
Compendium of Landshells by Abbott		\$56.00
Cone Shells by Walls		\$50.00
Cowries & Relatives of Southern Africa by Lillved		\$65.00
Cowries of the World by Burgess	was \$85.00	\$65.00
Kingdom of the Seashell by Abbott	was \$15.95	\$13.00
Living Terebras of the World by Bratcher		\$55.00
Murex Shells of the World By Radwin & D'Attilio		\$38.50
Mysterious Cowries of New Caledonia by Pierson		\$45.00
New Caribbean Molluscan Faunas by Petuch	was \$38.50	\$25.00
Shells - Jewels From the Sea by Harasewych		\$45.00
Shells of the Philippines by S. & L.	was \$80.00	\$65.00
The Living Volutes by Weaver & du Pont		\$40.00
Tropical Landshells of the World by Park, Hemmen & Groh		\$95.00
Tropical Pacific Marine Shells by Cernohorsky		\$35.00

Add \$7.00 each for surface mail. Payment by Visa or Mastercard (3% surcharge added), postal money order, or bank check through New York bank. Send for free shell and book lists.

Boas Novas

Nosso sócio Prof. Dr. José Willibaldo Thomé, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, enviou-nos informações sobre o Segundo Congresso Internacional de Malacologia Médica e Aplicada (Second International Congress on Medical and Applied Malacology - 2nd ICMAM), que se realizará em junho próximo em Seul, Coréia do Sul. Para maiores detalhes, escreva a:

Dr. Pyung-Rim Chung
 Institute of Tropical Medicine
 Yonsei University
 P. O. Box 8044
 Seoul 120-752, Korea
 FAX: 313-9028
 Telex: Yonsei K 29127

O sócio Dr. R. Tucker Abbott enviou-nos informações sobre seu mais recente livro, o *Compendium of Landshells*. É o mais completo catálogo ilustrado de conchas terrestres já publicado. Contém mais de 2000 fotografias coloridas. Seu preço é US\$ 56. Para obter seu exemplar, escreva a:

American Malacologists
 P. O. Box 1192
 Burlington, MA 01803
 U. S. A.

Good News

Our member Prof. José Willibaldo Thomé, Ph. D., from the Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, sent us some information about the Second International Congress on Medical and Applied Malacology (2nd ICMAM), which will be held next June in Seoul, South Korea. For further details, write to:

Dr. Pyung-Rim Chung
 Institute of Tropical Medicine
 Yonsei University
 P. O. Box 8044
 Seoul 120-752, South Korea
 FAX: 313-9028
 Telex: Yonsei K 29127

Our member Dr. R. Tucker Abbott sent us information about his most recent book *Compendium of Landshells*. With more than 2000 color photographs, it is the most complete illustrated catalogue on its subject ever published up to now. Each copy costs US\$ 56. To obtain yours, write to:

American Malacologists
 P. O. Box 1192
 Burlington, MA 01803
 U. S. A.

FILATELIA

Renato Moscatelli

O primeiro selo com conchas

Em 10 de junho de 1859, as Bahamas emitiram um selo que, pela primeira vez, trazia estampado uma concha. Todavia, o *Strombus gigas* Linnaeus, 1758 que ele trazia tinha um papel secundário. É por isso que o selo emitido em 21 de janeiro de 1950 pelas Ilhas Ryukyu, que exibiu três conchas e concedia-lhes a atribuição de tema principal, é considerado o primeiro selo a trazer uma concha. Conforme Karl Emmerich, autor de *Shells on postage stamps around the world* (Topical Philatelic Publishers, 1980), as "Ilhas Ryukyu, governadas pelo Japão, emitiram o primeiro [...] selo com conchas. O selo nº 13 das Ryukyu é todo conchas." Emmerich comenta ainda que, devido ao fato de que as conchas eram "muito pequenas e muito difíceis de serem identificadas", este selo dificilmente poderia ser considerado um bom exemplo a ser seguido por outros países. Eis os dados filatêlicos deste selo inovador, seguido de algumas informações conchiliológicas a respeito das três conchas nele estampadas:

Selo: Ilhas Ryukyu, 1950 - Yv 13; Sc 13 A5; M 13; P 13 x 13 1/2; V 5 y.

Lambis (*Lambis*) *lambis* Linnaeus, 1758

Sin.: *lobata*, *lamboides*, *cerea*, *hermaphrodita*, *tacinia*, *maculata*, todos Röding, 1798.

N. P.: Não temos informações.

Oc.: Indo-pacífico.

Obs.: Comum; concha grande, sólida e pesada com seis digitões ligeiramente recurvados.

T.: 180 mm.

T. M.: 23,20 cm era o comprimento de um exemplar coletado na Nova Caledônia em 1982, conforme informações publicadas em *Rossiniana*.

Strombus (*Conomurex*) *luhuanus* Linnaeus, 1758

Sin.: *luhuanus* Herbst, 1788; *luhuana* Röding, 1798; *pusillus* Anton, 1839.

N. P.: Não temos informações.

Oc.: Sudoeste do Pacífico; Austrália Oriental, Japão (mas não na região das Ilhas Havaí).

Obs.: Comum; tamanho moderado; columela preta e suturas canaliculadas características; vive em grandes colônias.

T.: 60 mm.

T. M.: Não temos informações.

Chlamys (*Comptopallium*) *radula* Linnaeus, 1758

Sin.: *pauciplicata* Iredale, 1931

N. P.: Não temos informações.

Oc.: Filipinas e Pacífico Oriental.

Obs.: Comum; em águas rasas, sobre recifes.

T.: 75 mm.

T. M.: Não temos informações.



PHILATELY

Renato Moscatelli

The first stamp on shells

On June 10th, 1859, the Bahamas issued a stamp that for the first time bore a shell. However, the *Strombus gigas* Linnaeus, 1758 it depicted had only a secondary status. That is why the stamp issued on January 21st, 1950 by the Ryukyu Islands, which exhibited three shells and granted them the prominence of main theme, is considered the first stamp on shells. As Karl Emmerich said in *Shells on postage stamps around the world* (Topical Philatelic Publishers, 1980), the "Ryukyu Islands, governed by Japan, issued the first [...] shell-stamp. Ryukyu stamp nº 13 is all shells." Emmerich further commented that, because the shells were "too small and too difficult to identify", this stamp could hardly be set up as a good example to be followed by other nations. Here are the philatelic data of this novel stamp, followed by some conchological information about the three shells it bore:

St.: Ryukyu Islands, 1950 - Yv 13; Sc 13 A5; M 13; P 13 X 13 1/2; V 5 y.

Lambis (*Lambis*) *lambis* Linnaeus, 1758

Syn.: *lobata*, *lamboides*, *cerea*, *hermaphrodita*, *tacinia*, *maculata*, all Röding, 1798.

P. N.: Common spider conch.

Rg.: Indo-pacific.

Notes: Common; large, solid and heavy shell with six slightly recurved digitations.

Sz.: 180 mm (7.09 in).

R. S.: 23,20 cm (9.13 in) was the length of a specimen from New Caledonia, shelled in 1982, according to the information published in *Rossiniana*.

Strombus (*Conomurex*) *luhuanus* Linnaeus, 1758

Syn.: *luhuanus* Herbst, 1788; *luhuana* Röding, 1798; *pusillus* Anton, 1839.

P. N.: Strawberry conch.

Rg.: Southwestern Pacific, Eastern Australia, Japan (but not by the area of the Hawaii Islands).

Notes: Common; moderate size; characteristic black columella and canaliculate sutures; it lives in large colonies.

Sz.: 60 mm (2.36 in).

R. S.: No information available.

Chlamys (*Comptopallium*) *radula* Linnaeus, 1758

Syn.: *pauciplicata* Iredale, 1931

P. N.: Radula scallop.

Rg.: Philippines and Eastern Pacific.

Notes: Common; in shallow waters, over reefs.

Sz.: 75 mm (2.95 in).

R. S.: No information available.

Preços de anúncios para seis números de *Siratus*:

Formato 70 x 40 mm:	150 BTN\$ / US\$ 75
Formato 90 x 80 mm:	300 BTN\$ / US\$ 125
Meia página:	575 BTN\$ / US\$ 250
Página inteira:	1.150 BTN\$ / US\$ 500

Advertisement prices for six issues on *Siratus*:

Format 70 x 40 mm:	150 BTN\$ / US\$ 75
Format 90 x 80 mm:	300 BTN\$ / US\$ 125
Half page:	575 BTN\$ / US\$ 250
Full page:	1.150 BTN\$ / US\$ 500